

SÉRGIO RODRIGUES

Elza, a garota

*A história da jovem comunista
que o Partido matou*

2ª edição



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2008, 2018 by Sérgio Rodrigues

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e ilustração de capa

Rafael Nobre

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Isabel Cury

Nana Rodrigues

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rodrigues, Sérgio

Elza, a garota : a história da jovem comunista que o Partido matou / Sérgio Rodrigues. — 2ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Bibliografia.

ISBN: 978-85-359-3103-7

1. Ficção brasileira I. Título.

18-13935

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Para Daniel e Clarissa, meus filhos

Não há reparação possível para Deus nem para os romancistas, nem mesmo para os romancistas ateus. Desde o início a tarefa era inviável, e era justamente essa a questão. A tentativa era tudo.

Ian McEwan, *Reparação*

1.

Tinha dezesseis anos. Ou assim dizem. As versões variam. Em algumas, Elza é mulher-feita, vinte e um. Na maioria tem dezesseis. A idade altera talvez o grau de escândalo da união, mas não o fato de que Elza era a namorada, mulher, companheira, concubina, amante, amásia oficial do secretário-geral do Partido Comunista do Brasil — o cargo máximo da organização — em 1935. O ano em que a esquerda brasileira tentou o lance mais ousado e sofreu a maior derrota de sua história. Miranda tinha quase a idade do século. Bem-apessoado, simpático, dizia a todos os companheiros que amava Elza e pretendia, assim que as circunstâncias políticas permitissem, fazer dela uma mulher honesta. Antes, porém, precisava se desincumbir daquele trabalhinho de tomar o poder no país.

Elza Fernandes era mais para miúda, embora estivesse na média das mulheres brasileiras de sua época: um metro e cinquenta e oito. Talvez ainda fosse crescer. Os legistas que examinaram seus ossos cravam dezesseis anos, relatando um corpo em formação. A idade exata é um dos mistérios do lacunar personagem, que nem direito a um tamanho definitivo conseguiu ter em nossa história,

oscilando entre menina e adulta. Essa é uma das falhas mais clamorosas entre as muitas do processo 1381 do Tribunal de Segurança Nacional, que em novembro de 1940 condenou Luiz Carlos Prestes e mais seis pessoas a penas de trinta anos de prisão pela morte de Elvira Cupello Calônio, ocorrida no dia 1º de março (ou pouco antes, ou pouco depois) de 1936. Penas que seriam todas abreviadas pela anistia de 1945.

Sobre um ponto, ainda que cegamente, a fúria cartorial brasileira não tem dúvida: Elza adentra o processo instaurado em abril de 1940 para apurar a autoria de seu assassinato como morta aos vinte e um. Assim é citada — nascida em Sorocaba em 1914, filha de Francisco Cupello Calônio e Emilia Luiza. O problema é que, pelo restante da papelada, depoimentos a fio, meses e meses, vão aparecendo referências aos dezesseis anos de Elza, à menoridade de Elza, ao corpo de criança de Elza, e fica tudo por isso mesmo. Até o laudo dos legistas, a análise óssea, aponta decisivamente para uma adolescente, mas em momento algum o processo tenta esclarecer a contradição que o perpassa como uma lança: quantos anos tinha a morta, afinal?

A professora Marly Vianna, ex-dirigente do PCB e uma das acadêmicas brasileiras que mais tempo e energia dedicou ao estudo dos acontecimentos de 1935, me disse, na sala cheia de livros de seu apartamento no Leblon, estar convencida de que a idade de Elza foi rebaixada pela polícia, pela imprensa e até pela medicina legal para tornar o crime mais hediondo aos olhos de uma opinião pública já maciçamente predisposta contra os comunistas desde o malogro da insurreição de novembro. Invenção correlata ao clichê “comunista come criança”, a tenra idade da moça cumpriria o papel de retocar um quadro em si bastante feio, carregando nas tintas da covardia. Ou seja: Elza tinha vinte e um mesmo, dezesseis era fabricação da direita.

Respondi que não era bem assim. Miranda também dizia

que Elza tinha dezesseis. Sara Becker, militante comunista de São Paulo que às vésperas da insurreição de 35 foi enviada ao Rio, conheceu a namorada do secretário-geral do Partido na casa de Rosa Meirelles, uma das bases informais da conspiração, aonde Elza ia todo fim de tarde filar um café com pão. Sara tinha dezoito na época e me descreveu Elza como uma garota da mesma idade dela. Foi resoluta neste ponto: a mesma idade. O que, se não prova os dezesseis, menos ainda prova os vinte e um. E há o diabo daquela ossatura em formação de que falam os legistas. Comprados pelo governo? Não seriam caros, é verdade, mas para quê? Aos olhos da Justiça — e de um tribunal de exceção, em que condições muito restritas de defesa eram oferecidas aos acusados — não seria necessário encontrar agravante legal nenhum, menos ainda fabricá-lo. Idade alguma tornaria o homicídio mais homicídio. Tanto que, oficialmente, continuou valendo até o fim a citação da vítima como nascida em 1914. Se era para mentir sua idade, por que não trabalhar direito e falsear a data de nascimento na citação?

A tese dos vinte e um vai ficando menos verossímil à medida que se mergulha no assunto. É mais fácil imaginar um erro de documentação, um 1919 virando 1914 por culpa do garrancho do escrivão ou de um pai analfabeto ou bêbado — ou ambos — que se atrapalhou na hora de fazer o registro, anos depois do nascimento. Ou quem sabe a confusão não teria sido provocada por uma daquelas mentiras profissionais que os comunistas tinham sempre na manga para confundir a repressão, leques de nomes falsos, idades falsas, histórias falsas? A paulista Elza aparece referida aqui e ali como mineira. Quando, em janeiro de 1936, foi presa junto com Miranda no apartamento da avenida Paulo de Frontin, no Rio de Janeiro, em que de forma temerária os dois eram vizinhos de um “comunista público” como Jorge Amado, sua história maluca já era outra. Contou à polícia em seu primeiro depoimento não

saber o nome de seu namorado nem o de seu pai. Quanto à sua origem, porém, foi decidida: disse ter vindo de São Paulo. A pé.

Até loura dizem que ela foi. Mas aí já é um outro disfarce.

Nesta história, Elza terá dezesseis porque um dia os peritos Nilton Salles e Rubem Pereira de Araújo, do Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro, após examinarem a ossada exumada num quintal suburbano, escreveram o seguinte:

Os núcleos de ossificação e as cartilagens de conjugação oferecidos no esqueleto examinado são os comumente observados nas mulheres de quinze a dezesseis anos de idade. Observam-se ainda inclusos os quatro dentes do siso. ... Sua idade deveria ser de dezesseis anos quando se deu a morte.

Infelizmente, minhas pesquisas nos dois cartórios de registro civil de Sorocaba não conseguiram fixar acima de qualquer dúvida a idade de Elvira Cupello Calônio. Tomara que alguém possa acrescentar nos espaços em branco aquilo que eu não tive como descobrir. Muita coisa eu não consegui descobrir, mas essa é uma das primeiras.

Exatamente quantos anos tinha Elza quando, julgada traidora pela cúpula do PCB, foi estrangulada pelos companheiros com uma cordinha de varal e enterrada dentro de um saco de aniamagem no quintal de uma casa erma em Guadalupe.

Que idade ela terá para sempre.

Molina tinha acabado de completar quarenta e três anos e estava em busca de uma história que valesse a pena contar quando encontrou Xerxes, ou foi encontrado por ele. Sua sensação, vizinha do tédio e do cansaço, de que já não havia no mundo história que compensasse o trabalho de narrá-la, fosse com palavras,

fosse com imagens ou por qualquer outro meio — gestos, dança, sinais de fumaça, telepatia —, começou a se modificar naquela tarde de abril em que pisou pela primeira vez no apartamento do velho, um dois-quartos apertado no Flamengo, atendendo a seu anúncio nos classificados. Poucos dias depois nada restava de sua inapetência narrativa, e ele mal dava conta de dividir seus dias entre a leitura de jornais antigos, as conversas com Xerxes em sua sala atulhada de livros e as horas febris passadas diante do computador, batucando telas e telas de uma prosa que, Molina já não tinha dúvida nenhuma, finalmente *precisava* ser escrita. Embora provavelmente ainda não devesse ser lida, mas isso não lhe ocorreu naquela hora.

Xerxes — decidiu chamá-lo assim mesmo, por razão semelhante à que fez uma moça batizada Elvira ficar conhecida como Elza — não se limitou a lhe dar uma grande história num momento em que, desempregado e imerso numa reclusão de misantropo que só Camila, sua namorada vinte anos mais nova, conseguia romper, Molina era sitiado por histórias tão pequenas, tão mesquinhas, que o mundo parecia confinado num presente estúpido sem origem nem consequência. Pensando mais tarde naqueles dias, percebeu que era como se Xerxes fosse mais do que a fonte, o contador: era a própria História encarnada. Talvez seja compreensível que, em tal estado de espírito, Molina tenha deixado de levar em conta os sinais de que nem tudo era o que parecia ser.

Disse Xerxes:

Quanto menos está em jogo, maior a violência dos litigantes. Faça dois homens esfomeados disputar uma fatia de pão com banha e a luta será cruenta, quiçá mortal. Agora ponha dois capitalistas de charutos nos beijos para discutir, entre goles de conhaque e sobre os despojos sangrentos de um banquete, quem vai arrastar para o seu lado do contrato aquela migalha percentual

correspondente a milhões: pronto, que belo clima de civilidade presidirá a mesa!

A primeira coisa que lhe chamou a atenção foi que o velho falava como se escrevesse, vírgulas e tudo. Tamanho poder de articulação era coisa de um outro tempo, e foi só então que a idade quase impossível do homem — noventa e quatro, estava no jornal — desabou na sala diante dele como um rochedo, um totem, uma pirâmide. Civilidade hipócrita, prosseguiu Xerxes, não se discute, mas ainda preferível a uma punhalada na carótida. Donde se conclui que, na sociedade de classes, a convivência pacífica é um luxo burguês.

Molina tinha chegado da rua aceleradinho, exasperado, depois de arranhar o carro de Camila no poste ao tentar estacioná-lo numa vaga absurda e em seguida ver dois flanelinhas disputando a tapa o direito de lhe cobrar pelo privilégio de parar ali. A sensação de apocalipse iminente que pairava no ar da cidade, com seu presente eterno achatado atrás e na frente, feito carro popular espremido para caber numa vaga de velocípede — aquele zumbido familiar não tinha entrado com ele porta adentro. Entendeu que na sala penumbrosa, coberta de livros e fotografias em preto e branco encaixilhadas em pesados porta-retratos, o tempo era outro. Teve a presença de espírito de dizer ao velho que seu raciocínio era gracioso, mas desconsiderava séculos de impérios fundados em crimes. Toda elite é violenta, pontificou, pedante. Chegou a estranhar sua própria voz. Xerxes sorriu.

Achei que o comunista aqui fosse eu, disse, empertigado em sua poltrona, tamborilando no castão da bengala apoiada no chão entre os caniços branquelos que despontavam da bermuda larga. Era um dia anormalmente abafado para o início do outono, mas o corpo longo e ossudo de Xerxes estava envolto num cardigã cinza sobre a camiseta branca, meias felpudas de padrão escocês, chinelos de couro nos pés compridos. A violência da

elite, ele disse, eu conheço bem, e seus olhinhos claros, de um verde de água suja, fixaram os de Molina. Mas essa é outra história. Foi você quem chegou aqui contando o caso dos guardadores de automóvel que quase se matam pelas migalhas que caem da mesa da pequena burguesia, isto é, da *sua* mesa.

E o senhor é o quê, operário?

Sentiu, ao dizer isso, que soava agressivo, embora não tivesse essa intenção. Tentava descontraír o ambiente, brincar com o velho. Talvez para impedi-lo de notar o quanto se sentia deslocado em sua sala à margem do tempo. Ele não pareceu levar a mal, mas ficou sério.

Sou um intelectual revolucionário, disse, é o que teria respondido muito tempo atrás, um pequeno-burguês que conseguiu, por meio da reflexão, da leitura disciplinada da teoria leninista e da prática política e sindical, superar as limitações patéticas de sua classe e ascender a uma consciência superior, onde refulge a inexorabilidade da história. Maria!, gritou de repente. Aguardaram em silêncio até a empregada, que também era idosa, vir da cozinha. Café, comandou, emendando, mas isso foi muito tempo atrás. Hoje eu sou só um velho comunista. Pode me chamar de pequeno-burguês que eu não ligo. Já fui chamado de tanta coisa: zinovievista, trotskista, esquerdista, direitista, oportunista. Você é o quê, jornalista?

Respondeu que sim. Era mais simples e menos perigoso do que se declarar escritor. Alguém que se declara escritor sempre corre o risco de ouvir a pergunta, ah, e escreveu o quê? Embaraçoso, se você nunca escreveu nada. De toda forma, o anúncio no jornal não mencionava a palavra escritor. Procurava, em sua formulação curiosa, um *redator-jornalista-roteirista com amor pela história e paciência com os achaques de um velho revolucionário derrotado, para ajudá-lo a escrever suas memórias.*

Instigado por Xerxes, Molina fez um resumo de sua car-

reira, tentando, provavelmente sem êxito, maquiagem os sinais de decadência que proliferavam à medida que a ordem cronológica mudava os cargos de editor para colaborador, e os veículos, de grandes jornais para revistinhas suspeitas. O velho ouvia tudo compenetrado. Sentindo que a exposição estava carente de brilho, Molina pensou em acrescentar que era um dos grandes especialistas mundiais na maior série televisiva da história, *The Twilight Zone*. Desistiu a tempo: improvável que aquilo lhe valesse pontos com Xerxes. Terminou de enumerar seus feitos esquivos e explicou que agora tudo estava mudado, era independente, não admitia mais patrão, estava investindo num jornalismo mais lento e menos superficial como só é possível nos livros, eis por que, quando leu o anúncio nos classificados, pensou tá pra mim. Tagarelava abjetamente, de puro nervosismo. O silêncio do velho desconcertava. Totem, esfinge. Como se contivesse um julgamento mudo mas implacável daquele presente esvaziado, feito no tribunal de uma época mais autêntica tanto na miséria quanto na glória. O volume das memórias de Xerxes devia ser ciclópico, e a ideia do trabalho que o aguardava pareceu de repente assustadora.

Isto é, se pegasse o emprego. Mas tinha que pegar o emprego, não tinha? Já era seu. Um livro. Pagamento mensal garantido por três meses, o velho explicou, talvez mais. Nada tão luxuoso quanto sua carência de desempregado o fez enxergar naquelas circunstâncias, mas decente com certeza. Descobriu depois que o dinheiro era do próprio Xerxes, não havia editora, ONG ou fundação metida naquela história de registrar as memórias de um matusalém comunista. Chegavam abafados os uivos dos ônibus freando lá embaixo, no sinal quase em frente ao cinema onde, anos antes, uma geração carioca mais equivocada que a média se convencera de que Jean-Luc Godard ia mudar a história da humanidade.

O que você sabe, perguntou Xerxes, sobre a insurreição de 1935?

A Intentona?

O outro confirmou com a cabeça.

Bom, o que todo mundo...

Resposta errada, filho. O que todo mundo sabe sobre a Intentona é necas, xongas. Ninguém sabe mais nada de quase nada, é verdade, mas sobre a Intentona sabe menos ainda. Pergunte aos universitários, e o velho deu um sorrisinho sarcástico para sublinhar que aludia ao programa de perguntas e respostas da TV, aquele em que os candidatos tinham o direito de repassar a uma junta de universitários algumas das questões que não conseguiam responder. Os universitários, na maioria das vezes, tampouco. Pergunte aos universitários, o velho prosseguiu, mesmo os de história, e eles mal vão saber diferenciar a Coluna Prestes da quartelada de 35, quer apostar?

Conheço uma estudante de história que sabe, Molina ia respondendo, mas a escolha vocabular do velho o tirou dos trilhos. Quartelada?

Sim, você se espanta? Não há palavra melhor para definir o que houve em 35. Pela fragilidade da tentativa, pelo grotesco dos erros de avaliação política que os conspiradores cometeram e também pela ferocidade da repressão que sobreveio, com consequências que iam influenciar os rumos do país por décadas, aquele foi um capítulo dos mais marcantes, com seu sabor tragicômico, no livro das quarteladas latino-americanas. Um livro bem grande, aliás.

Um tijoloço, concordou Molina. Mesmo assim, emendou para sua surpresa, pois não sabia grande coisa sobre o assunto — talvez tentasse bajular o velho comunista? —, apesar de tudo, foi uma aventura fascinante.

Aventura fascinante, uma c'ralha, Xerxes retrucou vivamen-

te, o sotaque lusitano caricatural amenizando o palavrão. Aquilo foi uma estupidez, filho. Atrasou em meio século o amadurecimento político deste país, uma desgraça. Aventura fascinante...

É claro que houve erros de avaliação, Molina não entendia por que estava sendo tão renitente no debate, não podia ser só puxa-saquismo, mas foi em frente: erros sérios, mas a coragem daqueles homens...

E o que a coragem tem a ver com isso? Coragem é muito bom, mas mal-empregada vale menos que o salário da Maria aqui, e Xerxes tomou das mãos da serviçal, que acabava de entrar na sala, a bandeja inox com as xícaras brancas e o açucareiro de argila. Com desenvoltura sobrenatural para alguém de sua idade, bengala repousando ao lado contra o braço da poltrona, depositou suavemente aquilo tudo, que parecia pesado, sobre a mesinha de centro. Açúcar? Duas colheres? Serviu-o com mãos trêmulas. Depois pingou oito gotas de adoçante em sua própria xícara.

Sabe qual a diferença entre um filho da puta de extrema direita e um filho da puta de extrema esquerda?, perguntou, mexendo o café. Dizia aquilo a propósito de nada que Molina pudesse vislumbrar, e completou:

O filho da puta de extrema direita sabe que é um filho da puta.

O de extrema esquerda não sabe?

Não tem a menor ideia. Se acha mais puro que são Francisco de Assis...

Xerxes deu uma gargalhada, bicou a xícara e teve um acesso de tosse tão intenso que quase entorna o café. Estavam sozinhos na sala, Maria sumida lá dentro. Molina tomou a xícara de suas mãos e se ofereceu para buscar água, mas o velho acenou que não precisava. Aos poucos se recompôs, recuperou o fôlego. Logo estava se pondo de pé entre gemidos discretos, amparado

na bengala. Tem um livro que eu queria te mostrar, soprou, fazendo sinal para que Molina o seguisse.

Hesitou. Porta-retratos ocupavam os poucos espaços deixados pelos livros nas prateleiras que forravam todas as paredes. Homens de terno e mulheres de vestido fechado, em preto e branco. Livros de arte, de história, livros vermelhos em sua maioria, com lombadas de todas as cores. O velho andava devagar. Foi atrás dele.

O quarto também tinha muitos livros, mas menos que a sala, apenas uma das paredes coberta de prateleiras. Xerxes não demorou a encontrar o que procurava. Era um exemplar de E. M. Forster em inglês, e, após folheá-lo rapidamente, estendeu a Molina o volume aberto. Ele leu as palavras sublinhadas a lápis ao mesmo tempo que ouvia o velho recitar, com um sotaque *posh* até não mais poder: *If I had to choose between betraying my country and betraying my friend, I hope I should have the guts to betray my country.* Você concorda?

Seria um teste linguístico?

Deixa eu ver: se eu tivesse que escolher entre trair meu país e trair meu amigo...

Xerxes completou: ... só queria ter a coragem de trair meu país. Você concorda?

Um teste moral também, com certeza. E político-ideológico.

Depende do que ele quer dizer com país, tentou ganhar tempo, e depende do amigo.

Resposta típica dos jovens, bufou o velho.

Não sou jovem.

Para mim é. Você é um menino.

Xerxes se deixou cair sentado na cama estreita e o convidou a ocupar um pequeno pufe poeirento próximo à porta. No outro canto do quarto, ao lado do guarda-roupa escuro de ar centenário

rio, havia um biombo de bambu. Disse: Prestes fez o que recomendava Forster, embora provavelmente nunca o tenha lido: ficou com seu amigo, o Partido Comunista, e traiu seu país. Você concorda com isso?

É claro que não, Molina sacudiu a cabeça.

Por que não?

Prestes cometeu muitos erros, mas era um patriota. Não traiu seu país.

Mas veio com seus amiguinhos estrangeiros fazer uma conspiração financiada pelo Comintern, não é verdade?

Seria possível que Xerxes, um comunista, estivesse falando sério? Ou de comunista ele não tinha nada? Qual era a daquele velho, afinal?

Essa, respondeu, foi a base da propaganda anticomunista de Getúlio.

O velho sorriu, parecendo feliz.

Resposta correta. Não só de Getúlio. Até o fim da ditadura militar, nos anos 80, quando eu já era velho, o discurso da direita foi uma extensão daquele de 35. O anticomunismo que dominou a sociedade brasileira no século XX nasceu com Vargas. Teve sua maturidade e sua velhice de 64 em diante, com os generais, mas a matriz de tudo, o foco irradiador deve ser buscado nos anos 30. Se você procurar bem, vai descobrir que o fulcro do fulcro do nosso anticomunismo babão é algo tremendo que aconteceu em 1935: Prestes caiu. O herói tombou.

No breve silêncio que se seguiu, Molina sentiu nitidamente o ar ficando pesado, carregado de luto.

Para milhões de pessoas neste país, Xerxes continuou, um fervor novo na voz, Prestes morreu como líder político ao vir tomar o Brasil com a ajuda de uma potência estrangeira, acompanhado de agentes de uma potência estrangeira, a soldo de uma potência estrangeira. Isso foi o que a polícia de Getúlio Vargas